



Rothschild

Não se deve considerar *Rothschild* como um nome que designe um homem só, nem ainda como um appellido de familia, que sirva para extremar, no meio da sociedade, os irmãos do mesmo sangue: *Rothschild* é um mytho, é um symbolo, é a materia endeusada pelo paganismo actual. Quando os seculos volverem, e, na vertigem do seu revoltear, apagarem da memoria das gerações as epochas semi-fabulosas da infancia da humanidade, tombará no olvido esse bezerro de ouro que os antigos hebreus, máo gráo o venerando Moysés, adoraram, o Pluto da velha mythologia terá reforma com o ordenado por inteiro; Mammona e Pactolo morrerão sem necrologio, e o Cresso e o Luculo dos romanos irão para o hospital de invalidos das velharias litterarias; invocando os escrevedores d'esses vindouros tempos o deus *Rothschild* para presidir ás luctas da agiotagem, que symbolisam este nosso afortunado seculo, cuja mythologia é menos poetica, mas bem mais opulenta do que a da velha Grecia.

E *Rothschild* é isto! Encarnação materialisada do dinheiro, que a sociedade proclamou rei do mundo, não está em Londres ou em Paris, em Vienna ou em Francfort. Está sobre toda a superficie da terra onde a civilisação fez comprehender o valor de um milhão de francos, de libras, de florins, de dollars, de thalers, de reales, de rixdalers, de liras ou de cruzados. Como a companhia de Ignacio de Loyola tem por patria o

mundo inteiro, que domina no mysterio das suas transacções commerciaes. Se não falla ás consciências falla ás bolsas, orgão vital muito mais sensível nos seres da actual humanidade, e onde, por fim, os psychologos descobriram a séde da alma de nove decimos dos entes, em que santo Agostinho reconheceu a existencia da substancia intelligente destinada a reger o corpo.

Buscaremos dar succinta noticia d'esta entidade quasi divina da mythologia actual, para esclarecimento dos futuros escriptores que hajam de desentranhar as perolas preciosas do seu estylo da fabula sumida no oceano do passado.

Em 1743 nascia em Francfort sobre Mein, um rapasinho, que, orphão aos 12 annos, começava a ganhar a vida numa casa commercial do Hanover. Pertencia elle a essa raça espalhada pelo anathema divino, sem patria, sobre a terra, e expulsa, com tyrannica ferocidade, dos paizes catholicos, n'essas lastimosas quadras de fanatismo e intolerancia. As nações, onde a bandeira da reforma se havia hasteado, deram melhor guarida á raça herdeira do ferrete do deicidio, e mais prosperamente medrou a indole instinctivamente commercial desta raça proscripta á sombra das tradições de Luthero e de Calvino, do que havia lógrado desenvolver-se nas terras onde a voz suprema do pontifice de Roma applaudia o assassinio e o roubo feitos em nome de uma religião, que só deve crear adeptos pela eloquente cathechese da sua sublimidade.

A confiscação e a fogueira, com que os tenebrosos ministros da instituição tenebrosíssima do Domingos de Gusmão tentavam purificar as almas impuras dos hebreus relapsos ás doçuras de um baptismo forçado, extenuando valiosíssimos recursos nos paizes sujeitos á supremacia papal, levaram opulento presente ás nações protestantes; e não foi nas praças commerciaes da Allemanha onde menos medraram os capitalistas israelitas.

Mayer Anselmo Rothschild, o orphão de que fallámos, comprehendeu logo que o ouro,—que não servira, nas épocas do desenfreado fanatismo, para apagar as fogueiras, e, antes pelo contrario parecia atear lhes as labaredas,—serviria, mais tarde, depois de mitigado o fervor do obscurantismo, e de raiar a aurora da nova luz na Europa, para abrir caminho, de cabeça erguida, por entre as phalanges dos christãos deslumbrados com o fulgor da opulencia. Empreheu então o moço negociante em ser rico... e conseguiu-o. Lembrado de que o dinheiro é semente que, lançada em boa terra e regada pelo manancial da inquebrantavel actividade, se reproduz com fertilidade espantosa, economizou dos seus primeiros salarios algumas moedas de cobre, que juntou em pobre bolsa, esperando em as fazer render na primeira occasião. Veiu lhe a idéa de encher a sua bolsa e encheu-a. Trocando então em prata o seu peculio viu de novo o sacco quasi vazio, e d'ahi lhe nasceu a idéa de o encher de novo. Perseverou e conseguiu. Feita nova permutação a oiro teve de redobrar de actividade para ver novamente cheio o miraculoso saquinho.

Eis a modesta origem d'uma riqueza que devia chegar a ser colossal.

Estabelecido, com os seus pequenos capitaes, em Francfort, deu-se ao estudo da numismatica e archeologia, a que deveu as estreitas relações que teve com o landgrave de Hesse-Cassel, que era dedicado amator do estudo de antiguidades.

A probidade commercial, que é o característico dos negociantes ambiciosos, porque n'ella vêem o mais seguro elemento da futura riqueza, cimentou a confiança do principe no instruido banqueiro.

Surgiu, mais tarde, na capital França o tremendo cyclone revolucionario, que varreu a superficie da Europa, derribando, na sua passagem, tudo quanto por mais alto, melhor se offercia ao seu furor. O landgrave do Hesse viu a perda imminente das suas immensas riquezas e foi confial-as á probidade de Mayer Rothschild.

Acceitou o banqueiro o deposito... mas não passou recibo; facto este que demonstra a precaução caracteristica do hebreu e mais lhe realça a sua lealdade.

Veiu, pouco depois, a onda revolucionaria e assolou Francfort. Soberanos, nobres e opulentos, eram os inimigos d'esse Hercules, chamado povo, que tantas vezes tem tentado esmagar a hydra de Lerna da aristocracia, do poder, ou da riqueza, sem conseguir jámais decepar as cabeças, sempre renascentes, do monstro; e por isso o turbilhão popular, no seu delirio infrene, não poupou os accumulados capitaes do já notavel banqueiro.

Conta a tradição que elle deixára roubar tudo quanto possuia, para assim, melhor illudida a in-

saciidade dos assaltantes, poder mais seguramente salvar os thesouros que lhe haviam sido confiados. Ou heroica honradez, ou notavel providencia dos seus proprios interesses, o facto deuse; e, mais tarde, serenada a tempestade social que abalou a Europa, o velho hebreu recommçou as suas operações bancarias, apoiado no credito que outr'ora adquirira e nos milhões do deposito, que se lembrou de pôr a render.

Sorriu lhe prospera a fortuna, e, quando o capricho de Napoleão, elevado ao fastigio do poder, fez do landgrave de Hesse Eleitor do imperio germanico, Mayer Rothschild foi entregar-lhe os seus immensos capitaes e os juros accumulados.

Deslumbrou ao principe tal grandeza de lealdade, e, não só confiou ao honrado negociante a continuação da gerencia dos seus haveres, mas declarou-lhe que nunca receberia senão um modico rendimento, cedendo lhe todo o mais interesse que a sua actividade commercial com elles podesse adquirir.

Rothschild fez-se, em pouco, o rei dos banqueiros. Não tardou que o landgrave contando o facto nas conferencias de Vienna, o tornasse o banqueiro dos reis.

O velho morrera, mas o nome Rothschild e a unidade commercial d'aquella casa fabulosa pertencia a seus cinco filhos, que, por sua morte, se haviam estabelecido em Francfort, Vienna, Londres, Napoles e Paris. Foi n'essas circumstancias que os governos da Russia, Austria, Prussia, Inglaterra, Dinamarca, Napoles, Sardenha e França contraíram grandes empréstimos n'esta casa bancaria, cabendo ao mais novo, estabelecido em Paris, a parte que esta ultima nação precisava obter emprestada para pagar aos seus amigos e inimigos.

Desde então *Rothschild* começou a symbolisar o delirio da fortuna, o absurdo do ouro, a hyperbole dos milhões, o superlativo da opulencia. Não era já um homem era um monstro colossal de cem braços como Briareu, de cem olhos como Argus, que se estendia por sobre toda a Europa, mysterioso e terrivel de actividade e de vigilancia, creando representantes em todas as praças commerciaes, correspondendo-se em rigoroso segredo a bem das suas empresas, centuplicando os capitaes nas mais arriscadas transacções, e aproveitando sempre, com raro tacto e inaudita felicidade, as convulsões politicas que abalavam as finanças das nações.

A insaciavel sêde do sangue hebreu, que devorára os christãos, nos seculos anteriores, vingavam-a elles com a sêde insaciavel do ouro dos seus inimigos religiosos.

D'entre os representantes d'este colosso da opulencia, que tomou por divisa — *concordia, industria, integritas*—distinguiram-se sobretudo os dois irmãos, que haviam estabelecido a sêde das suas operações em Londres e em Paris.

Nathan Rothschild, que primeiro fôra banqueiro em Manchester e depois passára para a capital da Inglaterra, foi o capitalista que mais ajudou o governo inglez na grande lueta continental; e conseguindo ter noticia da batalha de Waterloo um dia antes da participação official, pôde por isso effectuar operações bancarias que, em poucos dias, lhe triplicaram os capitaes.

A este homem, distincto pela grosseria de suas maneiras, pela negligencia do seu traje e pela

rudeza dos seus sentimentos, se attribuiu em Londres a idéa de comprar aos turcos a antiga Jerusalem para nas margens do Jordão, fazendo mentirosa a sentença dos livros santos, reunir os seus correligionarios.

- Mais tarde não deixaram os fabricantes de petas em Paris de attribuir ao seu Rothschild o mesmo que os inglezes lá haviam inventado para o d'elles, e logo entre o povo, esse instinctivo castigador de todos os ridiculos, circulou uma canção que, pintando o opulento judeu esperançado de empunhar o sceptro da sua nação constituída, acabava por elle prometter vendel-o... se acaso lh'o pagassem bem!

C. B.

(Continua)

A PRAÇA DE MAZAGÃO NO TEMPO DE D. JOÃO V

(Continuação de pag. 357)

III

Apparece-nos agora em scena um dos vultos epicos, em que tanto abundam os nossos annaes. É Bernardo Pereira de Berredo, que estava governando Mazagão no anno de 1734. Bloqueavam-no, havia muito, todas as forças do scheik Abdallah que, para mais commodidade, tinham construido uma povoação na vizinhança do presidio portuguez. Apesar do bloqueio nunca se soffreram em Mazagão as mais leves privações. As tropas continuavam a forragear e a cortar lenha nos campos e nos bosques circumvisinhos, e tal era o terror que inspirava o nome de Bernardo Pereira de Berredo, que nunca os Mouros ousaram acabrunhar, como podiam, esses destacamentos. Chegou a tal ponto a confiança dos nossos, e o desprezo em que tinham o bloqueio, que uma força de cincoenta cavallos, commandada pelo adail Manoel Valente do Couto, ousou, transformando-se de assediada em assaltante, atacar a povoação dos Mouros, affugentar os habitantes, deitar fogo ás casas, e retirar para a praça muito a seu salvo. Quizeram os Mouros vingar-se no dia 21 de janeiro, mas Manoel d'Azevedo Coutinho, aquelle que tivera o filho morto por elles, e que tinha sido promovido ao posto de sargento-mór, carregou-os á testa de cincoenta homens de infantaria, e de oitenta de cavallaria, e derrotou-os completamente depois de porfiado combate. Este ultimo successo pôz fim ao bloqueio que durava já havia dezoito mezes. Os Mouros, vendo que nada lucravam com elle, retiraram se deitando fogo á povoação que tinham construido, e professando por Bernardo Pereira de Berredo a veneração que o heroismo inspira sempre a estes povos primitivos.

Esta admiração manifestou-se dum modo notavel logo depois do infructifero bloqueio. O scheik d'Azamor appareceu, arvorando bandeira branca, e acompanhado por mais de mil homens; vinha para tratar do resgate de prisioneiros. Concluida a negociação pediu o mouro para se avistar com Pereira de Berredo, a quem desejava conhecer pela grande fama que esse capitão adquirira. Tiveram, com effeito, os governadores das duas cidades uma entrevista num dos revelins da praça de Mazagão, onde se trocaram muitas corteziás, e onde se renovaram mesmo algumas usanças das guerras cavalheirescas de Granada. Trinta cavalleiros portuguezes e trinta ara-

bes fizeram uma especie de torneio, correram o *djérid*, entregaram-se, enfim, a esses folguedos marciaes que estavam já tão pouco em harmonia com as funcções beatas que formavam o principal divertimento dos nobres, na ociosidade estúpida da corte. Uma coisa tem de bom a guerra; é preservar os que a fazem do aviltamento e da degeneração.

Algum tempo se conservaram treguas entre Mazagão e Azamor. Veio um novo scheik para esta cidade, e o mouro, tambem deseioso de conhecer Bernardo Pereira de Berredo, aproveitou-se dum pretexto qualquer, e veio visital-o. Novos festejos, troca de presentes e de corteziás, e dahi a pouco tempo a guerra. Não que houvesse rompimento entre Marrocos e Portugal, as duas coroas conservavam-se na melhor harmonia; mas os Mouros d'Azamor eram para Mazagão o que foram depois para Ceuta os Mouros de Riff e de Melilla; faziam as correrias por sua conta, sem que o governo marroquino quizesse, ou mesmo podesse assumir a responsabilidade dos actos dos seus vassallos, vassallos quasi nominaes apenas.

Com effeito, em 1738 a 13 de janeiro e a 22 de outubro houve novas escaramuceas; a primeira bem renhida, porque eram mais de mil e quinhentos os mouros assaltantes. D'ambas as vezes ficaram os portuguezes victoriosos, distinguindo se, como sempre, o adail Matheus Valente do Couto, cujo nome tantas vezes temos citado, e que foi um dos homens que mais serviços prestaram nesse guerrear constante.

Em 1739, a 15 de janeiro, temos de novo Matheus Valente em campanha perseguindo os Mouros até ás portas d'Azamor, de fórma tal que se espalhou um panico verdadeiro na cidade mourisca. A 6 de abril coube a gloria da investida ao adail Gonçalo Fernandes Banha que levou os Mouros adiante de si umas poucas de leguas pelo paiz dentro. Tal ousadia tinham cobrado os portuguezes debaixo do governo de Bernardo Pereira de Berredo que, passando um navio inimigo a pouca distancia da costa, julgou-se tão simples facto um insulto á bandeira portugueza, e logo uns escaleres da praça, guarnecidos por tropa de infantaria, lhe correram em seguimento, abor-daram-no e renderam-no sem darem um tiro. A preza foi devidida pela guarnição.

A 25 de setembro de 1741 soffreram os Mouros nova derrota, em que perderam além dos mortos e feridos quarenta prisioneiros. Como veem, estavam os inimigos mais comedidos e punham grandes intervallos entre as suas correrias.

A 13 de janeiro e a 24 de novembro de 1743, houve tambem recontros com os inimigos. Foi o primeiro uma acção vigorosa que durou quatro horas, e em que combateram dois mil arabes dum lado, e trezentos portuguezes do outro. Commandava os nossos, nesse dia, o adail Matheus Valente do Couto, que fez provar rijamente aos inimigos a tempera da sua espada, tantas vezes banhada em sangue sarraceno. No dia 24 de novembro era commandante das forças portuguezas o almocadem João Froes de Brito que se limitou a sustentar o terreno que occupava, mas que o sustentou vigorosamente, protegendo os forrageadores, e recolhendo-se para a cidade sem perder um só homem.

A ultima façanha de que temos noticia durante o governo de Bernardo Pereira de Berredo, e

a derrota de uns mil homens, commandados pelo proprio Muley Abdallah, sultão de Mequinez que investio a praça em 1745. Em dezembro desse mesmo anno encontramos já governando a praça de Mazagão D. Antonio Alvares da Cunha, senhor da Taboa e trinchante-mor de el-rei.

Não lucraram muito os Mouros com a mudança do governador, apesar de se verem desaffrontados do grande vulto de Bernardo Pereira. Continuaram a ser repellidos nas suas tentativas contra a praça, e tiveram um novo acoite num mancebo do Porto, Francisco Xavier Garcia de Bivar que praticou actos de valor dignos da grande época da cavallaria.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

A TRAGEDIA DE RAYNOUARD «OS TEMPLARIOS» E NAPOLEÃO I

Raynouard, poeta e litterato francez, nasceu a 8 de setembro de 1761, e falleceu em 27 de outubro de 1836.

— Nesta occasião, apenas nos interessa este vulto litterario, como sendo Raynouard o author da tragedia — *Les Templiers* — «Os Templarios.»

A Ordem militar e religiosa dos Templarios, ou Cavalleiros da milicia do Templo, foi fundada nos principios do seculo XII em Jerusalem por alguns Cruzados francezes, com o fim de proteger os peregrinos.

Pouco e pouco foram os Templarios adquirindo poder e extraordinaria opulencia; depois da queda do reino de Jerusalem espalharam-se por todos os Estados Catholicos; e tempo houve em que chegaram a ter nove mil casas da sua Ordem, e rendas consideraveis.

Um tal engrandecimento não podia deixar de excitar invejas e malevolencias; forçosamente havia de occasionar o temor e a cubiça, que não descansam em quanto não derribam o adversario. E de feito, Philippe, o formoso, aproveitou todos quantos motivos, todos quantos pretextos se lhe offereceram para destruir uma Ordem, que tamanha sombra lhe fazia, e que mui vivamente desafiava a sua avidez. Foi elle o instrumento poderoso, violento e sanguinario, da perseguição dos Templarios, e Clemente V, o papa que supprimio essa Ordem no Consistorio secreto, celebrado em 1312 na occasião em que estava reunido o Concilio de Vienna.

O ultimo Grão Mestre da Ordem, Jacques de Molay, e o Commendador de Normandia, Guy d'Auvergne, foram barbara e atrozmente mandados queimar vivos por Philippe, o formoso, no dia 18 de Março de 1314, numa ilha do Senna, junto ao sitio onde hoje está a estatua de Henrique IV na *Ponte Nova*.

Nas ultimas palavras que um chronista attribue a Jacques de Molay está a origem da tradição, segundo a qual se diz que o Grão Mestre do Templo emprazára o papa Clemente V, como juiz iniquo e cruel, para comparecer diante do tribunal de Deus dentro em quarenta dias, e Philippe, o formoso, dentro do termo de um anno.

É de crer que aquellas datas fossem exaradas depois dos acontecimentos; mas não padece duvida que tiveram lastimosa morte, repentina ou cruel, e grandes infortunios, todas as principaes pessoas que tomaram parte na catastrophe dos Templarios: Clemente V, Philippe IV, Enguerrand

de Marigny, Guilherme de Nogaret, Guilherme de Plasian, etc.

Raynouard publicou em 1813 um livro com o titulo de: *Monuments historiques relatifs à la condamnation des chevaliers du Temple et à l'abolition de leur Ordre*.

Já em 1805 tinha Raynouard publicado, á frente da tragedia — *Os Templarios* — o *Précis historique*, summamente instructivo sobre este assumpto.

Finalmente, da terrivel catastrophe desentranhou Raynouard a tragedia — *Os Templarios* —, da qual vamos fallar com referencia a Napoleão I.

Soube este ultimo que havia tempo estava admittida no «Theatro Francez» aquella tragedia. Movido pela curiosidade que o assumpto historico inspira, mandou que lh'a lessem; agradou-lhe a elevação dos caracteres, e não só ordenou que a representassem, mas quiz que o author viesse á sua presença.

A conversação do Imperador Napoleão I com Raynouard é por extremo curiosa, e revela o grande genio de Napoleão, não menos que a sua disposição para encarar as cousas litterarias debaixo de um ponto de vista politico, e autocratico até — se assim convem dizel-o.

— *Porque rasão, começou Napoleão, não apresentastes esses religiosos, bravos, mas ambiciosos, ricos, enredadores, voluptuosos, como sendo os rivaes da Realeza, inimigos do throno, e justificadamente suspeitos a Philippe — o formoso, a quem assistia o direito de os castigar?*

— Senhor (acudio Raynouard), para assim me haver, não me escudavam, nem a authoridade da historia, nem a sanção do publico. (Napoleão carregou o sobrolho). Ou então, fóra necessario que V. M. me dêsse uma platéa de Reis.

Napoleão sorriu um pouco; mas logo, com a facilidade de mudar de tom — que lhe era tão natural e tão util, disse: *Heide tambem fazer-vos alguns reparos sobre miudezas. Expressistes com uma lentidão — um tanto verbosa, a bella resposta do Grão Mestre á corajosa confissão do joven Marigny; deve simplesmente dizer: Já o sabia!* (Raynouard acolheu immediatamente a observação judiciosa e fina de Napoleão, e alterando deste modo a passagem da tragedia, logrou produzir grande effeito na scena). *Tomae sentido, acrecentou Napoleão, que o rei Philippe, ao ameaçar os Templarios, falla de cada falso. Um princepe póde servir-se da cousa; mas deve abster-se de proferir a palavra que a designa.* —

Esta conversação é na realidade caracteristica do grande genio de Napoleão, — e como tal me pareceu dever offerecel-a á curiosidade dos leitores.

Seria uma falta imperdoavel não tomar nota do juizo critico da famosa tragedia de Raynouard. Desejando dar em tal ponto noticias authorisadas, empregarei as proprias expressões de M. de Pongerville (do Instituto):

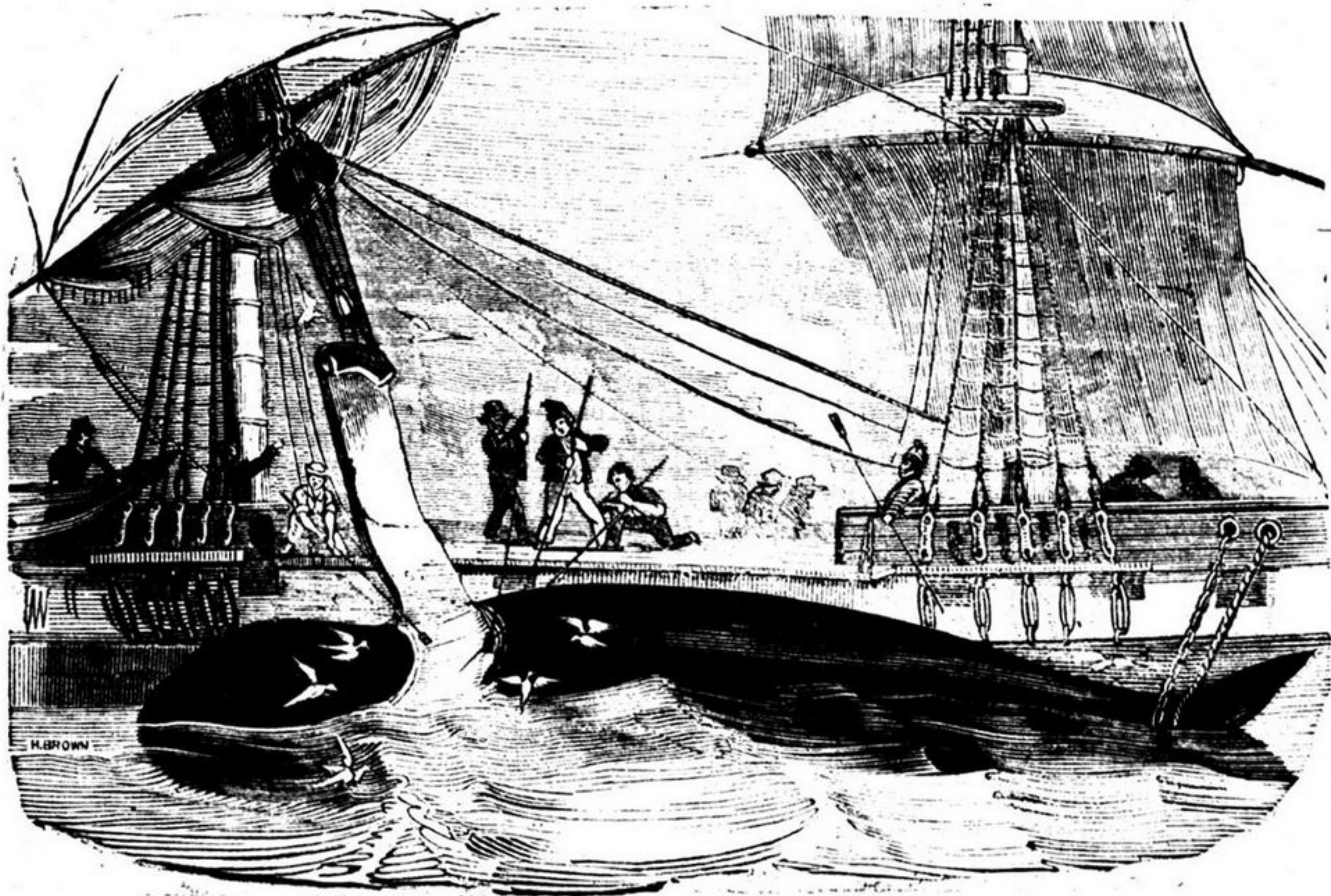
— A grandeza dos caracteres, a força e profundez dos pensamentos, o attractivo de um assumpto nacional, a serenidade imperturbavel do heroismo... produziram uma viva sensação no publico — repassado como estava do gosto pela escola dos nossos grandes mestres. (*A tragedia — Os Templarios — foi representada em 1805; e a essa representação se refere o critico*)... Mas esta obra é estranha ás paixões vulgares; falla menos

ao coração, do que ao espírito; captiva o espectador, mas não o entenece. Grandes movimentos da alma, ditos eloquentes exprimidos, e de uma energia Corneliana, compensam nesta produção original as qualidades que lhe faltam. A lentidão monotona do enredo dá a este drama a apparencia do julgamento de um tribunal, cuja sentença é demasiadamente prevista. O estylo é largo, simples e preciso; mas carece de variedade, e maiormente da elegancia continua, que,

por meio do encadeamento logico do discurso, dá brillantismo e força aos sentimentos. Cumpre reconhecê-lo: o auctor possui menos riqueza de poesia, do que o dom de encerrar um pensamento formoso em um bello verso' =

— Julguei que não seriam desagradáveis aos leitores estes breves enunciados, porque se referem a um assumpto recommendavel, no qual figuram vultos notaveis da historia politica e litteraria. (1)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



A Baleia

Desde muitos seculos tem o homem movido uma perseguição de morte ao ingente e collossal cetáceo, que denominamos *baleia*; e não será muito fóra de conta presumir-se, que a teimosia da avareza do mesmo homem destrua para sempre aquella grandiosa especie dos povoadores da vastidão dos mares.

Tempo houve, em que as baleias frequentavam o littoral do golpho de Gasconha, do cabo Finisterra e da Mancha; mas aquelles animaes, acosados e perseguidos naquellas paragens, foram refugiar-se nos mares do norte. Lá correm destemidos navegantes em demanda das baleias, e não tardou que a perseguição tivesse como theatro o oceano boreal, até á Groenlandia e ao Spitzberg. Aos biscainhos, bretões e normandos seguiram-se os inglezes; vieram depois os hollandezes, os suecos, os dinamarquezes, as populações do Baltico, e, afinal, os americanos do norte. Quando as baleias, tenazmente perseguidas, abandonaram os mares da Groenlandia, correram os navegantes-pescadores ás costas da America septentrional.

Soube-se mais tarde que tambem nos mares da America meridional havia baleias, e desde logo a pesca se estabeleceu no sul, substituindo-se á da terra de Labrador, do estreito de Davies, e do banco da Terra Nova. Em uma palavra, e para evitar mais longa escripta, póde asseverar-se que a industria da pesca da baleia só tem por limites os do globo que habitamos.

Assim como as expedições da pesca da baleia se foram desenvolvendo por todos os mares, — assim tambem se foram aperfeçoando os processos do proprio acto da pesca, do despedaçamento ou desmembração do animal, do derretimento e clarificação do azeite, e do aproveitamento de tudo quanto a baleia tem de util.

A nossa estampa não carece de explicação; per si mesma diz, e melhor do que a palavra, o que ella representa; e demais disso, consideramos os

Veja na *Nouvelle Biographie Universelle* os artigos: Jacques de Molay e Raynouard.

Veja tambem os escriptos de Raynouard citados no texto: *Cantu, Hist. Univ.*; *Supplemento Historico, ou Memorias e Noticias da Celebre Ordem dos Templarios...* por Alexandre Ferreira; etc.

leitores cabalmente instruídos sobre o modo de arpoar as baleias, e de as içar para os navios baleeiros.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 318)

III

Depois de havermos dado noticia da *Madragola* de Machiavel, vamos agora dizer duas palavras ácerca de outras duas comedias que o mesmo auctor compoz: *A Clitia*, ou *Clizia*, e a designada pelo titulo: *Il Frate*.

A Clitia ou *Clizia* é uma imitação da *Casina* de Plauto; devendo notar-se que o quarto acto é quasi litteralmente traduzido do que lhe corresponde na comedia latina.

Em todo caso, e como finamente observa Lord Macaulay, soube Machiavel accommodar o enredo da comedia de Plauto ao estado da sociedade do seu tempo.

O proprio Machiavel vae referir-nos o enredo da sua comedia, nos termos em que o referio aos espectadores, no *prologo* da sua producção:

— Em Athenas, nobilissima cidade da Grecia, houve um homem de bom nascimento, que, não tendo senão um filho, tomou para casa uma rapariguinha, e a foi educando mui honestamente, até que ella completou dezeseite annos de idade. Succedeu depois enamorarem-se ao mesmo tempo o pae e o filho, dos encantos da menina; occorrendo, por effeito deste lance amoroso, muitos casos e accidentes extravagantes, — até que, afinal, o filho a recebe por esposa, e com ella vive feliz por muitos annos. — Acreditariéis acaso, que um acontecimento, inteiramente semelhante succedesse ha pouco em Florença? Pois, assim foi: e porque o auctor pretende apresentar-vos um dos dois casos, escolheu o de Florença, julgando que vos seria mais agradável este do que aquelle, visto como jaz Athenas em ruinas, e os athenienses fallavam grego que vós não entendeis. Tomae, por tanto, o caso succedido em Florença; mas não espereis reconhecer pessoas, por quanto o auctor disfarçou os nomes verdadeiros com outros fingidos.»

— O que torna muito chistosa esta comedia, é o modo porque o estonteado velho Nicomaco, embriagado de amor pela menina que tomára para casa, recebeu castigo por se esquecer de que a um homem de longa idade não é já concedido requestar donzellas, nem, muito menos, pleitear com um filho moço a conquista do coração da amante deste.

Achei muita graça em um monólogo, no qual Sofrónia, mulher de Nicomaco, pinta a loucura da paixão de seu marido, e compára a vida ordenada e regular que elle tinha outr'ora, com as extravagancias que a todos os instantes faz, desde que o demónio do amor se apoderou de todas as suas faculdades:

— Quem conheceu Nicomaco (diz Sofrónia), quem conheceu Nicomaco ha um anno, e o vê hoje, não póde deixar de maravilhar-se da gran-

de mudança que nelle se operou! Era um homem grave, resolute, respeitoso, e gastava o tempo, de um modo que lhe fazia honra. Levantava-se muito cedo, ia ouvir a sua missa, e dava ordem ao sustento de cada dia; depois, se tinha que fazer na praça, no mercado, ou perante os magistrados, lá se encaminhava, — e se não, ou conversava com algum cidadão sobre assumptos honestos, ou se recolhia ao seu escriptorio para fazer a sua escripturação e pôr em ordem as suas contas. Vinha então jantar pacificamente com a sua familia, e em jantando, começava a praticar com seu filho, dava-lhe conselhos, fazia-lhe conhecer os homens, e lhe ensinava o modo porque havia de proceder, apresentando-lhe alguns exemplos antigos e modernos. Saía depois, e gastava o dia, ou em negocios, ou em recreações graves e honestas; e quando se avisinhava a noite, sempre ás *Ave-Marias* tinha recolhido para casa: estava comnosco ao lar, se era de inverno, e passava depois ao escriptorio a rever as suas contas, até que chegava a hora da ceia. Esta regularidade de vida era um exemplo para todos os de casa; cada um se envergonhava de o não imitar, e desta sorte corria tudo ordenada e alegremente!... Mas, depois que o domina a fatal phantasia, transtornam-se os negocios, gasta-se a fazenda, decáe o trafico. Está sempre gritando sem saber de quê; são de casa todos os dias mil vezes, sem saber o que vae fazer, entra a deshoras, e nunca chega a tempo de jantar ou ceiar regularmente; se lhe fallam, não responde, ou diz cousas disparatadas. Os criados zombam delle; o filho já lhe falta ao respeito; cada um faz o que quer e ninguem já o toma por modelo... Triste de mim! Se Deus não nos acode... esta pobre casa vae á véla! Vamos lá ouvir missa, e encommendar-nos a Deus!»

Mas, o que eu reproduzo em linguagem, é apenas uma descórada imagem da belleza do *monólogo*, escripto no formoso e engraçado idioma toscano, do tempo de Machiavel. Ouçam os leitores algumas breves toadas daquella musica deliciosa:

— *Scena quarta. Sofronia sola.* — Chi conobbe Nicomaco un anno fa, e loro pratica ora, ne deve restare meravigliato considerando la gran mutazione ch'egli ha fatta. Perchè soleva essere un uomo grave, risoluto, rispettivo. E si levava la mattina di buon'ora, udiva la sua messa, provvedeva al vitto del giorno. Dipoi s'egli aveva faccenda in piazza, in mercato, à magistrati, e la faceva: quando che no, o è si riduceva con qualche cittadino tra ragionamenti onerevole, o è si ritirava in casa nello scrittojo, dov'egli ragguagliava sue scritture, riordinava suoi conti. Dipoi piacevolmente colla sua brigata desinava, e desinato ragionava col figliuolo, ammonivalo, davagli à conoscere li uomini, e con qualche isempio antico e moderno gl'insegnava vivere. Andava dipoi fuori, consumava tutto il giorno o in faccende, o in diporti gravi e onesti. Venuta la sera, sempre l'ave maria lo trovava in casa. Stavasi un poco con esso noi al fuoco s'egli era di verno, depoi s'entrava nelle scrittojo à rivedere le faccende sue, e alle tre hore si cenava allegramente. etc. =

O engano que fizeram ao tonto do velho Nicomaco, para lhe tirarem da cabeça o ridiculo designio de conquistar a sua linda pupilla, é na verdade engraçado, — com quanto, aliás, dema-

siadamente *solto*, e pouco proprio para ser representado em nossos dias.

Resolveram que a formosa Clizia vestisse o fato do creado Siro, e que este, disfarçando-se com os vestidos da menina, entrasse no quarto della, afim de que o louco velho, conservando-se tudo ás escuras, podesse acreditar que tinha alfim a dita de receber em seus braços o objecto do seu delirante amor: *hanno spogliato Siro nostro servo e de sua panni vestita Clizia, e de panni di Clizia vestito Siro, e vogliono che Siro ne vadia a marito in iscambio di Clizia.*

Depois de preparado tudo, e chegada que foi a noite, fatal para o velho Nicomaco, succedem a estes as tristes aventuras, que é facil de imaginar. Antes, porém, de se saber o que de feito succedera, vem Doria, criada de Sofronia, rindo ás gargalhadas, contar o que os conjurados estiveram conjecturando. = Passámos a noute (diz a maliciosa creada) a medir o tempo, e diziamos: agora entra Nicomaco no quarto; está a despir-se; colloca-se ao lado da sua querida; vae ferir a peleja; encontra resistencia valente. = *E s'è consumato la notte in misurare il tempo, e dicevamo: ora entra in camera Nicomoco, ora si spoglia, ora si corica al lato alla sposa, ora le da la battaglia, ora è combattuto gagliardamente.*

O mofo do velho Nicomaco é quem refere depois todas as aventuras que lhe succederam, — qual dellas a mais ridicula; e, afinal, conta que, chamando a grandes gritos o seu creado Pirro, para lhe trazer uma luz, podera ver a sua vergonha, e encontrar-se ludibriado e miseravelmente escarnecido:

= *Pirro corse, e tornato col lume, in cambio di Clizia, vedemmo Siro mio famiglio ritto sopra il letto tutto ignudo, che per dispregio, uh, uh, uh, mi faceva occhi, uh, uh, uh, e manichetto drieto.* =

A comedia acaba pelo casamento de Clizia com o filho de Nicomaco:

Andiamo, diz afinal Sofronia, *andiamo: e voi spettatori, ve ne potete andar a casa, perchè senza uscir più fuori si ordineranno le nuove noze, le quale sieno femmine e non maschi como quelle di Nicomaco.* =

— Compôz tambem Machiavel outra comedia, á qual deixou de pôr titulo, e que na edição das suas obras, de 1797, vem assim designada: *Commedia sine nomine.*

Os editores inglezes das obras do mesmo Machiavel deram a essa comedia a designação de: *Il Frate*; e conformando-se com elles, opinou o traductor francez Périès que se chamasse: *Frate Alberigo* — do nome do religioso que Machiavel apresenta como um dos principaes personagens da peça.

Seja como fôr, é certo que, nesta comedia, pôz Machiavel a mira em castigar a infame hypocrisia e escandalosa licenciosidade dos frades do seu tempo. Pareceria que o Secretario Florentino era inspirado pelo odio e malquerença; mas, competentes escriptores hão notado, que obediencia á opinião geral, e fielmente a traduzia nas suas composições dramaticas. Eram os espectadores quem animava os dramaturgos daquella época á força de applausos, a apresentar em scena o contraste da santidade que os frades apregoavam — com a devassidão em que se engolfavam.

Nesta comedia, um frade, por nome Alberigo, tem entrada em casa do velho Americo, seu amigo. Este ultimo, apesar dos annos, e de ter uma esposa moça e bonita, mele-se a requestar

outras mulheres. Fr. Alberigo, de combinação com uma creada infame de Americo, delibera-se a dar uma lição ao velho tonto, e aproveita o ensejo de gosar os encantos de Catherina, mulher do amigo que lhe franqueava a sua casa.

Esta comedia, que pecca, do mesmo modo que as duas antecedentes, em materia de moralidade, abunda, como ellas em chiste, e semelhantemente é tecida com muito engenho.

Sem me demorar em alguns lances, nem tão pouco em tomar nota de algumas bellezas de estylo e de linguagem, direi sómente que é admiravel de ironia o final da comedia:

Catherina: Demos agora muitas graças a Deus!

Fr. Alberigo: É a sua mãe Maria Santissima!

— E vós, espectadores! se quizerdes esperar até que voltemos, haveis de enfadar-vos muito, por que depois da merenda tenciono prégar um sermãozinho, para demonstrar, por meio do raciocinio, de exemplos, de authoridades, e de milagres, que nada é tão necessario para a salvação da alma como a caridade, confirmando isto com o que disse o apostolo Paulo: *sem caridade tudo é vão.* Portanto, se me derdes credito, ide-vos na paz do Senhor. Adeus.

Catt. Ringraziatto sia Dio.

Fr. Alb. É la sua Madre ancora. Se voi volete, Spettatori, badar tanto, che noi riuscissimo fuori, troppo starete a disagio, perciocchè doppo alla colezione io ho disegnato far loro una predichetta, mostrando loro per ragioni, per isempi, per autorità e per miracoli, come non sia cosa piu necessaria alla salute delle animo, quanto la carità; confermando con Pagolo Apostolo, che chi non ha carità, non ha nulla. Pertanto, se far vorrete a mio senno, ve ne andrete con la pace del signore. Valet.

— Resumindo agora o que dissémos a respeito das comedias de Machiavel, observaremos que são ainda hoje apreciaveis, com referencia ao estylo e á linguagem; dão testemunho dos costumes de uma determinada época da sociedade italiana; e revelam em Machiavel um talento dramatico da primeira ordem. — No que respeita, porém, á moral, não hesito em conformarme com o severo julgamento de Baretti: = *...poichè dal canto della Morale sone tutte e tre perfidamente cattive.* = E rasão tem Baretti em accrescentar: «Seja dito isto sem offensa da Santissima memoria do Papa Leão X, o qual tanto se agradou de uma dellas, que mandou construir um bello theatrinho no Vaticano, para poder gosar muito á sua vontade da representação da mesma.» *E questo sia detto senza offesa alla santissima memoria di Papa Leone, etc.* (1)

— No artigo immediato começaremos a examinar outros escriptos do Secretario Florentino, meramente litterarios. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

BEATRIZ

Scenas da vida Intima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 362)

XXVI

As seis horas da tarde do dia em que se passou esse dialogo entre o general e o conde, Beatriz, pendendo-lhe um véo branco sobre os hombros e ornando-lhe a fronte uma grinalda de flores de

(1) *Prefazione* — citada no artigo II.

laranjeira, trajava as alvas roupas de esposada e descia pelo braço de Maldonado para a capella da ermida de sua casa.

Poucos instantes depois um padre fazia-lhe a pergunta sacramental da cerimonia do matrimonio. Beatriz, ao ouvir-o, ficou muda por algum tempo. Uma agitação convulsiva lhe tomara o corpo. Nesse momento não soava no templo senão o tremor da noiva, tudo o mais catava profundo silencio. Beatriz, ainda que quizesse, não podia proferir uma unica palavra. O padre, porém, aproveitando-se desse silencio, ia responder por ella, quando Beatriz, impellida pela força das circumstancias, soltou a voz e disse bem alto:

—Não quero, não posso, nem devo jurar amor diante de Deus a um homem, que detesto.

O padre, ainda assim, ia continuar a cerimonia e os circumstantes ficavam impassiveis, quando, sobre o pavimento da ermida, retemeram as esporas de muitos cavalleiros e as espadas de alguns officiaes. Ao tempo que elles subiam os degrãos da capella, Beatriz levantara-se de chofre. Junto ao altar mór dessa ermida estava o jazigo da antiga familia dos Lencastros. Sobre a sua campa via-se o seu brasão com uma forte quebra de bastardia.

D. Ignez quizera que o casamento da filha se effectuasse naquella ermida, como o de quasi todos os seus antepassados, que haviam casado sobre os tumulos dos seus. Era este um antigo uso de algumas familias do Minho, que revestia essa cerimonia religiosa de uma poesia mui espiritual e que os Lencastros, oriundos dessas provincia, conservavam.

Quando o general chegou ao pé de Beatriz, ella estava de pé tão pallida que mais do que noiva parecia uma visão d'além da campa, que della surgia naquelle momento. Alvaro de Sousa extremamente impressionado pelo estado em que via Beatriz, ficou por algum tempo attonito, mirando-a como quem se queria certificar se tinha ante si uma sombra d'além mundo ou a amante do conde; caindo, porém, em si, disse:

—Já um casamento!!!...

—Violentado, acrescentou Beatriz.

—Por quem? perguntou o general.

—Por esse padre e pelos primos Maldonados, respondeu Beatriz.

O general olhou em torno de si e não vio já os Maldonados, que cabisbaixos haviam deslizado pela ermida. O padre é que elle tinha só diante de si. Este notou para se desculpar:

—A sr.^a D. Beatriz tinha promettido...

O padre ia acrescentar mais alguma cousa, quando o general lhe disse:

—Cale-se, miseravel.

Depois de proferir estas palavras, o general lançou os olhos em roda de si e chamou dois soldados, para o prenderem, mas, considerando de novo, acrescentou:

—Entregar esse miseravel a dois soldados era dar-lhe muita honra. Venham dois lacaios, que na guarda desse infame não quero manchar homens que servem el rei e que, no campo da gloria podem, como nossos avós, grangear nomes illustres e brasões honrosos.

Preso o padre, o general pediu a D. Ignez para lhe fallar a sós.

Numa sala do palácio e diante de Beatriz lhe explicou D. Ignez os motivos, porque havia in-

tentado casar Beatriz contra sua vontade e lhe mostrou a carta do conde.

O general vendo a carta exclamou:

—É falsa, esta letra não é do conde.

—Falsa!! Repetiram a um tempo com admiração, Beatriz e D. Ignez.

—Falsissima, tornou o general. O conde, como quasi todos os homens dados ás lides intellectuaes, tem o systema nervoso extremamente desenvolvido. A sua letra não attinge, jámais, essa firmeza. No seu quarto ha sempre papeis em que elle lança os seus pensamentos e impressões, ou trata de alguma das questões, que lhe agitam o espirito e que elle deixa por cima da sua mesa. O vento ás vezes, espalha pelo chão esses papeis dispersos e até os leva para o jardim. Facil foi, por tanto, imital-o a quem, por ventura, tomou mão de algum escripto seu; mas não o fizeram com toda a perfeição e, por isso, eu reconheço bem que não é esta a letra do conde.

Depois dessa explicação, D. Ignez tomou alma nova. A sua natureza não era para violencias, mas a sua vontade era fraquissima e nas mãos dos Maldonados tornava se de cera e, por isso, se prestara ella a constranger a filha, para effectuar esse casamento.

Aqui é mister dar uma explicação, ácerca da appareição do general, na ermida de D. Ignez.

Alvaro de Sousa largara as Furnas no mesmo dia, em que fallara com o conde no parque do sr. Hikling. Dera-se pressa de chegar a casa de Beatriz, antes de se effectuar o seu casamento, a fim de conhecer o que nelle havia de mysterioso.

Os officiaes, que o seguiam, quando entrou na ermida, tinham ido esperal-o ao caminho, a fim de o comprimentarem e de lhe participarem a sua nomeação para capitão general dos Açores.

(Continúa)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

UMA OBRA DO SEculo IX

(Continuado de pag. 362)

69. Didaco, filho de Roderico, era conde de Castella, e na vinda dos Serracenos abandonou o castello de Tigerico, que não estava fortificado, a Mimio, filho de Nunnio.

70. O nosso Rei esperava a mesma hoste em Legio rodeado de todo o apparatus da guerra, e apoiado pela cidade; e atemorizada aquella ao saber-o, e que o nosso Rei augmentava de dia para dia as suas forças e esperava cheio de animo para castigar Habahalit, retrocedeu passando o rio Extora a XV milhas da cidade; Habahalit, irritado, deixou tropas em Castella e marchou do campo de Aleupa ao rio Urbico, e sollicitou do nosso Rei por meio de emissarios, o resgate de seu filho Abulkazem, que fôra aprisionado. Zmael-Iben-Muza, que viera por ordem de seu pae tratar da paz, juntamente com Fortun-Iben-Mazela, ao qual haviam, por surpresa, aprisionado, enviou ao nosso Rei muitos presentes por via de Habuhalit, e este recuperou seu filho. Do rio Urbico marchou para Zela, e no mez de setembro regressou a Cordoba, donde saíra em março. Depois do nosso Rei entregou tambem, e sem resgate, Benikazi, que ficara em refens pelo filho de Habuhalit, e seus amigos.

(Continúa)